



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 27 – 2007

Ó mistério comovedor!...

Santa Teresa do Menino Jesus sente-se fascinada pelo mistério da encarnação, porque sempre gostou mais daquilo que era “amável” que “admirável”, uma vez que ela tinha nascido para amar. Certo dia disse à Madre Inês: “Que dita tão grande, minha Madre, que Deus se tenha feito homem para que o possamos amar. Oh! que bem fez as coisas; doutra maneira não nos atreveríamos a amá-l’O” (PA 157).

Já no fim da vida, canta numa poesia: “Preciso de um Deus que se revista da mesma natureza, que se torne meu irmão e possa sofrer” (P 23). É assim que Teresa o quer e necessita: não um ser Absoluto, afastado, mas muito próximo, familiar e muito ligado à sua vida de pobre criatura. E felizmente encontra-O. “É admirável, mas sobretudo amável” (Cta 73).

Ela usa indistintamente a palavra Deus e Jesus, inclinando-se claramente para Jesus. Nos seus escritos a palavra “Deus” aparece 895 vezes e “Jesus” 1616. Para ela, Deus é, sobretudo, Jesus. Torna-se mais próximo, mais amável, mais familiar. O mistério da encarnação Teresa contempla-o, principalmente, na Infância de Jesus (Menino Jesus) e na sua Paixão (a Santa Face). São estas as duas facetas da vida de Jesus em que Ele aparece mais semelhante a nós, mas necessitado e carecido de apoio humano. Ela chamar-se-á Teresa do Menino Jesus. Foi a primeira irmã na sua comunidade a tomar este apelido: do Menino Jesus. No dia da sua

tomada de hábito, uma estampa-recordação que escreve a uma irmã, sua companheira de noviciado, ela assinará: “Teresa do Menino Jesus e da Santa Face” (Cta 56).

Bondade “paternal” de Jesus

A presença de Deus na sua vida sofreu certa evolução. Na primeira fase da sua vida Deus é para ela sobretudo Jesus, visto como Esposo. Na espiritualidade da “infância espiritual” Deus continua a ser Jesus, sem deixar de ser Esposo, reveste-se de atributos paternos, faz-se como um pai.

Nas poesias de Natal, Teresa canta a ternura da encarnação de Jesus, realiza a “por nosso amor”. Numa estampa que representava o nascimento de Jesus ela escreveu este breve diálogo de S. Bernardo: “Jesus, quem te fez tão pequeno? – O amor...!”. Na última estampa



que Teresa pinta, em que ela representa a Hóstia com o Menino Jesus no presépio, escreverá esta mensagem ao P. Bellière: “Eu não posso temer um Deus que se fez tão pequeno por mim... Eu o amo...!, pois Ele é só amor e misericórdia”.

Um dia dirá a sua irmã, a Madre Inês: “A nossa natureza humana, que tanto necessita entender o que ama, a ideia de que Deus é somente espírito lhe daria vertigens. Sim, que bem fez Deus tornando-se homem!”. Para Teresa as grandes manifestações de amor por parte

de Jesus são: a sua encarnação, a sua paixão e morte e a Sagrada Eucaristia.

Acerca do primeiro sermão que ela ouviu e entendeu, sendo ainda criança, que tratava dos sofrimentos de Jesus, ela própria diz: “Impressionou-me profundamente” (Ms A 17v^o). É demais conhecida a devoção que ela tem à Santa Face de Cristo sofredor. A Santa Face é um espelho em que vemos “como nos ama” (Cta 87).

O Deus mendigo

Nos anos de noviça Teresa dá uma volta de 190 graus no modo de apresentar a vida espiritual. Já não considera a santidade como um troféu sem algum defeito para o poder oferecer a Jesus, mas como uma comunhão de vida com o “Jesus do Amor”. O Jesus que toma posse da jovem Teresa é, ao mesmo tempo, um Jesus amante e um Jesus amado.



É o amor louco de Deus que se encarna em Jesus. Teresa, neste ponto, concorda com Herodes: “O único crime que foi censurado a Jesus por Herodes foi o de ser louco e eu penso como ele...! [...] Estava louco o nosso Bem-amado ao vir à terra procurar pecadores para deles fazer os seus amigos, os seus íntimos, os seus semelhan-

tes, Ele que era perfeitamente feliz com as duas pessoas adoráveis da Trindade!...” (Cta 169).

A palavra “pecadores” foi pronunciada, e Teresa também se conta entre eles. Os gestos de Jesus para com eles tocam-lhe profundamente e comovem-na. Ela medita-os inúmeras vezes como se pode ver pelos seus escritos. Encontra grande consolação nesta frase de Jesus: “Eu não vim chamar os justos mas os pecadores”.

E esta outra: “Não os sãoos que têm necessidade de médico, mas os doentes”. Recorda que “haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”.

E como eco da passagem sobre a ovelha perdida é capaz de escrever a sua irmã Celina: “Não temas, quanto mais pobre fores, mais Jesus te amará. Ele irá longe, bem longe para te procurar, se por vezes te extravias um pouco” (Cta. 211).

O Jesus da “pobre Teresa” abaixa-se misericordiosamente “mendigando” amor: “[Jesus] faz-Se pobre para que possamos dar-lhe esmola, estende-nos a mão como um mendigo ... é Ele que quer o nosso amor, que o mendiga... Põe-Se, por assim dizer, à nossa mercê, não quer tomar nada sem Lho darmos, e a mais pequena coisa é preciosa aos seus olhos divinos” (Cta. 145).

Teresa não pode esconder a sua emoção e exclama: “Oh! Mistério comovedor. Aquele que é Deus, O Verbo eterno, vem pedir-nos esmola” (RP 5). Com esta manifestação de amor o que é que Deus pretende? “Quer que eu O ame, porque me perdoou, não muito, mas tudo ... que agora o ame loucamente! ...” (Ms A 39r^o).

Jesus é Amor misericordioso que se abaixa e, ao mesmo tempo, Amor que mendiga amor. Não é um Jesus indiferente ao amor dos homens. Por isso, Teresa oferecer-se-á como vítima ao Amor misericordioso e não negará nada ao divino mendigo do Amor.

P. Jeremias Carlos Vechina

“O único crime
que foi censurado a Jesus
por Herodes foi o de ser louco
e eu penso como ele...! [...]
Estava louco o nosso Bem-amado
ao vir à terra procurar pecadores
para deles fazer os seus amigos,
os seus íntimos, os seus semelhantes,
Ele que era perfeitamente feliz
com as duas pessoas adoráveis
da Trindade!...”

(Cta 169).

Louvor de glória

– A lira divina –

(Continuação do número anterior)

A finalidade da vida de Isabel da Trindade era chegar a ser uma “vivente louvor de glória” de Deus. Esta expressão é a única que descreve adequadamente a razão de ser da sua existência cristã.

Com frequência Isabel falou do “duplo abismo”:

“Lancemo-nos ao fundo do “duplo abismo”: a imensidade de Deus e o nosso próprio nada. Assim o nosso louvor subirá mais sublime e poderá dar glória ao Pai omnipotente” (P 118).

Há aqui dois abismos que se fundem um no outro. O problema está em saber como se pode afirmar e procurar o próprio nada para se unir ao tudo de Deus, sem nos anularmos n’Ele e sem O anular a Ele em nós. “Sermos nós mesmos” e “desaparecer nos Três”, eram para Isabel dois pólos igualmente necessários. Se um cede ao outro, afunda-se o equilíbrio cristão entre o ateísmo e o panteísmo.

Mas se o “ser nós próprios” significa deixar sair da nossa própria substância o grito de louvor pelo que estamos constituídos, se Deus nos quis constitutivamente para que a sua glória fosse proclamada, então desaparecer significa não ser outra coisa mais que esse cântico de “louvor cada vez mais puro”.

Certamente, que a Isabel, música, ter-lhe-á gostado esta descoberta imprevista, no mais profundo do seu ser. A arte já lho tinha sugerido naturalmente: “Um louvor de glória é uma alma de silêncio que permanece como uma lira sob o toque misterioso do Espírito Santo a fim de que Ele dela possa extrair harmonias divinas; e sabe que o sofrimento é como uma corda que produz sons ainda mais belos, também O amando ver no seu instrumento, para mais deliciosamente mover o Coração do seu Deus” (CF 43).

Ela escreve a sua irmã e recomenda-lhe: “O Espírito Santo virá transformar-te numa lira misteriosa que, no silêncio, sob o toque divino, há-de produzir um magnífico cântico ao Amor; então serás ‘o louvor da sua glória’, o que eu tinha sonhado ser na terra. És tu quem me substituirás; eu, eu serei ‘Laudem gloriae’ perante o trono do Cordeiro, e tu ‘Laudem gloriae’ no centro da tua alma; entre nós, irmãzinha, será sempre um. Crê sempre no Amor. Se tiveres de sofrer, pensa que és mais amada ainda, e canta sempre agradecida. Ele é tão cioso da beleza da tua alma... Ele não procura senão isso mesmo” (Cta 269).

Louvor de glória é uma criatura que se converte em



música de Deus e para Deus. Esta é a imagem mais adequada para descrever aquilo que Isabel entende quando diz que quer ser um louvor de glória. É esta a conclusão que tiramos dos seus ensinamentos a este respeito: temos que aprender a tirar de todo, como de um instrumento, o som do louvor. O louvor de glória é o artista que se identifica cada vez mais com a música. Se o artista está envolto em treva, tira desse seu estado uma só atitude, uma só nota: fé inquebrantável no Deus-Caridade (cf. UR 6). Se o artista está envolto no esplendor do dia, a sua música converte-se em “resplandecente”, e é como “um dia que transmite ao dia a mensagem da sua glória” (UR 17). Mas se o artista “não tem repouso nem de noite nem de dia” e na

multiplicidade dos acontecimentos, das aspirações, dos actos mais ordinários, desce dentro de si até “se enraizar e fundar no amor” como na sua “arte”, “ ‘enraíza-se’ mais profundamente n’Aquele que ama”. Então em tudo e através de tudo ela “presta homenagem ao Deus três vezes santo: ela é, por assim dizer, um Sanctus perpétuo, um incessante louvor de glória!...” (UR 20).

Se o artista sofre porque o tempo vai levando a sua música e ela própria não o pode parar, dá-se conta com alegria que pode: “... viver com o Pai ‘num eterno presente’, ‘sem antes nem depois’, mas inteiramente na unidade do meu ser neste ‘agora eterno’” (UR 25).

Mas o artista, que pouco a pouco se vai identificando com a sua arte (glória de Deus), só avança se se vai preparando. E o “encontrar-se plenamente a si mesmo sendo a glória do outro” é uma atitude que só Deus pode assumir ante Deus, que só na revelação trinitária chega a ser compreensível. Por isso Cristo foi “o perfeito louvor de glória de seu Pai” (cf. UR 1; 36). Quem se quiser especializar nesta arte musical, deve tornar-se seu discípulo até se identificar com Ele (cf. UR 31; 33; 36): “Caminhai em Jesus Cristo, diz-me (S. Paulo), enraizada n’Ele, edificada por Ele, fortalecida na fé, e n’Ele crescendo cada vez mais pela acção de graças” (32).

É deste modo que se aprendem as palavras justas do canto e o toque preciso para o som: “‘Pai, dou-te graças!’. Eis o que se cantava na alma do meu Mestre, cujo eco Ele quer ouvir na minha! Mas, parece-me que o ‘cântico novo’ que melhor pode encantar e cativar o meu Deus é o de uma alma despojada, liberta de si mesma, na qual Ele possa reflectir tudo o que Ele é e fazer tudo o que Ele quer. Tal alma, sob o seu toque, comporta-se como uma lira, e todos os seus dons são como tantas outras cordas, que vibram para cantar dia e noite o louvor da sua glória!” (UR 35).

Cristo, portanto, é o único artista, o único cantor que se pode expressar como louvor vivente da glória de seu Pai, mas ele dá-nos essa única possibilidade, por uma “gloriosa transformação”: “Quando recebemos Cristo ‘com devoção interior, o seu sangue cheio de calor e de glória corre em nossas veias, e o fogo fixa-se no fundo de nós’, ‘e advém-nos a semelhança das suas virtudes, e Ele vive em nós, e nós n’Ele, e dá-nos a sua alma com a plenitude da graça pela qual a alma permanece na caridade e no louvor do Pai” (CF 18).

Isabel convida a estar “artisticamente” maduros ao ponto de: “o seu entendimento é o entendimento de

Deus, a sua vontade, a vontade de Deus, o seu amor, o próprio amor de Deus” (CF 42).

Ela para manifestar a sua experiência de louvor de glória flutua intencionalmente entre alguns símbolos (cf. GF 43):

– O musical. Há que antecipar-se ao Sanctus do eterno agradecimento, até chegar a dissolver-se nele: “Um louvor de glória é um estar em contínua acção de graças. Cada um dos seus actos, dos seus movimentos, cada um dos [seus] pensamentos, das suas aspirações, ao

mesmo tempo que a enraizam mais profundamente no amor, são como um eco do Sanctus eterno” (CF 43).

– O figurativo. Há que reflectir o esplendor divino como num espelho: “Um louvor de glória é uma alma que olha Deus, na fé e na simplicidade; é um espelho de tudo o que Ele é; como um abismo sem fundo, no qual Ele pode verter-se e expandir-se; é ainda como um cristal através do qual Ele se pode reflectir e contemplar em todas as suas perfeições e seu próprio esplendor. Uma alma que, deste modo, permita ao Ser divino que nela sacie a necessidade de comunicar ‘tudo o que Ele é, tudo o que Ele tem’ é, de facto, o louvor de glória de todos os seus dons” (CF 43).

– O sponsal. Há que fundir-se no

único amor recíproco, até chegar a ser o mesmo amor: “‘A minha alma está sempre nas minhas mãos’... ‘Para vós guardarei a minha força’”.

Isabel com estes três símbolos tenta explicar o paradoxo da vida cristã: uma pessoa é tanto mais ela, quanto mais se abre e escuta o Outro. Pertence-lhe e deixa-o transparecer. E a pessoa é tanto mais ela, quanto mais se purifica a escuta, o reflexo e a pertença, até chegar a não ser mais um ténue véu que não se distingue. O louvor de glória deve deixar transparecer de tal maneira



Deus próximo, que o seu esplendor se confunda com o reflexo. É isto que Isabel compreende quando encontra a sua vocação de ser e converter-se eternamente em louvor de glória.

Já fizemos ver que esta expressão tem uma origem musical. Pela sua sensibilidade musical, Isabel explora bem este símbolo e comunica dum modo puríssimo a sua relação de amor com o Deus-Trindade.

Temos na espiritualidade cristã um texto, talvez o único, que se aproxima daquilo que Isabel tentou dizer com o ser louvor de glória. Trata-se da Fábula do cantor surdo de São Francisco de Sales. Com esta fábula, S. Francisco de Sales queria explicar o amor puro e corrigir aqueles que, “em vez de serem amantes de Deus, começam a ser amantes do amor que eles têm” (Cf. CF 41-44).

Esta concepção “trinitária” de ser na terra louvor de glória, Isabel quer transmiti-la com força aos demais, e fê-lo em dois sentidos. Este seu “nome novo” é também um “nome comum”, por isso às pessoas que ela amava ensinava-as a ser louvor de glória. Transmitindo-lhes a sua vocação, deixava-lhes um compromisso. Num sentido mais profundo, o verdadeiro louvor de glória da Trindade é cantado na terra quando, entre as pessoas comprometidas no mesmo desejo, se realizam vínculos de tipo trinitário. Isabel procurava manifestá-lo de todas as maneiras.

São Rafael Kalinowski.

I Centenário da sua morte

1907-2007

No dia 1 de Setembro de 1835, em Vilna, Polónia, nasceu um menino a quem puseram o nome de José e o apelido de Kalinowski. Perdeu a mãe, com apenas dois meses de idade, vindo a conhecer ainda mais duas, pois seu pai casou três vezes. Às três chamou mãe e amou-as com grande amor.

A sua vida e a sua fé desabrocharam à sombra do santuário carmelitano de Nossa Senhora de Ostra-Brama. Nos estudos, foi sempre aluno brilhante e de excelentes notas. Durante a sua juventude alastrou a perseguição czarista, assistindo então o jovem José a inúmeras execuções públicas e a deportações para a Sibéria.

Aos 17 anos, aluno brilhante e bem considerado socialmente, José mergulha numa crise vocacional: deveria ter entrado para o seminário, mas não teve coragem. Especializou-se em Agronomia, Zoologia, Química, Apicultura, Línguas estrangeiras e entrou na Academia Militar, donde saiu graduado em tenente. Tenente e engenheiro. A vida sorria-lhe. Aos 24 anos, voltou-se para Deus experimentando a intimidade profunda com Deus através da oração. Foi professor de matemática e Reitor do Colégio onde se tinha formado.

E, com apenas 25 anos, foi promovido a Capitão do Estado-Maior. Dedicava-se Kalinowski, nesta altura, à adolescência e à juventude, orientando grupos do jovens que o admiravam.

Em 1863, a Polónia insurge-se contra a Rússia, e Kalinowski foi nomeado Ministro da Defesa da Lituânia, o que aceitou com a contrapartida de não haver condenações à morte. Estabeleceu o fim da insurreição, mas mesmo assim foi preso e condenado à morte, pena que acabaria por ser comutada para prisão perpétua, na Sibéria.



*José Kalinowski,
oficial do exército russo em S. Petesburgo.*

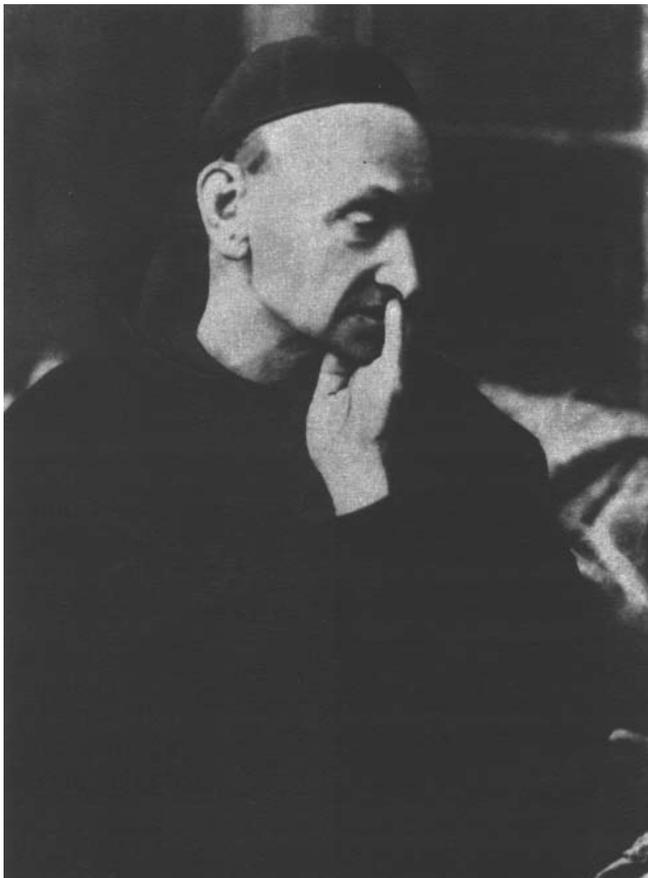
Tinha andado afastado de Deus nos últimos tempos, e esta amargura atraiu-o, de novo, para os braços do Pai. Ao confessar-se, mesmo sabendo-se prisioneiro condenado à deportação, sentiu uma paz profunda. Foi então que se deu a sua conversão, como mais tarde viria a reconhecer.

No dia 29 de Junho do 1864, depois de se ter despedido dos seus e do Santuário de Nossa Senhora, parte para o desterro com os seus companheiros de infortúnio, consagrando-se então à Virgem Maria. Não se podem descrever os sofrimentos daqueles homens. Muitos ficaram sepultados na neve... Kalinowski era para todos tão bom e amigo que lhe chamavam Anjo de Deus, consolador de todos. Nunca se queixava por maiores que fossem os tormentos, e estava sempre pronto a esquecer-se de si para ajudar os outros. Os seus companheiros de martírio tinham-no como santo, por isso, rezavam a Deus pedindo no fim das orações, dizendo: “Pela oração de José Kalinowski, livrai-nos. Senhor”.

Por segunda vez lhe comutaram a pena, para dez anos de degredo. Quando completou os nove, libertaram-no. Tinha aprendido o gosto e o hábito de rezar sempre e em todos os momentos, e de em Deus descansar o seu coração. Dizia então: “Mesmo que o mundo tudo me roube, deixar-me-á sempre um lugar de refúgio: a oração”.

Aos 39 anos de idade foi escolhido para preceptor do príncipe Augusto Czartoryski. Mas, José Kalinowski continuava tão insatisfeito como aos 17 anos.

Um dia, encontrou-se com a princesa Witoldowa, que se tinha feito carmelita. Ela convidou-o a fazer-se carmelita, a fim de ser ele o restaurador da Ordem na Polónia. Foi o acender duma luz divina que trouxe a felicidade e a paz ao coração inquieto daquele homem de 42 anos.



Tomou o hábito de Carmelita no dia 16 de Junho do 1877, festa da Rainha do Carmelo. Passou a chamar-se Frei Rafael do S. José. Nunca sentira maior felicidade, pelo que escreveu: “Bendito seja Deus que me trouxe a habitar debaixo do tecto hospitaleiro dos filhos da Senhora do Carmo”.

Foi ordenado sacerdote aos 47 anos em Czerna, Polónia. Fez tudo para difundir entre os polacos a espiritualidade do Carmelo teresiano: dizia: “Os carmelitas são os filhos primogénitos de Maria”. Através dele o Carmelo teresiano começou a florescer com inúmeras vocações que pediam o hábito. Mais uma vez, Frei Rafael de S. José atraía os jovens, como na sua juventude.

Em 1907 as suas doenças aumentam assustadoramente. Bem o espelham as suas palavras: “Reze por mim, escreve numa carta, que pareço outro Lázaro”.



Nossa Senhora de “Ostra Brama”. Diante desta imagem aprendeu José a amar intensamente Nossa Senhora. Depois de Czestochova é o lugar de peregrinação mais frequentado. Os Padres Carmelitas cuidaram deste santuário até à sua expulsão (1948).

No dia 13 do Novembro, recebeu os últimos sacramentos e deu a bênção aos seus irmãos carmelitas que o rodeavam, enquanto rezava: “Senhor, ficarei saciado quando aparecer a vossa glória”. No dia 15, dia da Comemoração dos Defuntos da Ordem, adormeceu no Senhor, no convento dos Carmelitas em Wadowice, dizendo: “Muito bem, agora vou descansar!” Tinha 70 anos, trinta como carmelita. Na guerra, no exílio, no convento, quando jovem, quando adulto e homem maduro, a vida de S. Rafael é claro farol que ilumina os nossos dias.

O seu túmulo tornou-se lugar de peregrinação onde o papa João Paulo II, seu compatriota, rezou muitas vezes.

Foi beatificado em Cracóvia no dia 22 de Junho de 1983 pelo Papa João Paulo II e pelo mesmo canonizado a 17 de Novembro de 1991.



Czerna. Convento-deserto de Santo Elias, onde o P. Rafael passou a maior parte da sua vida de Carmelita. Aqui repousam os seus restos mortais.

Bento XVI e Santa Teresinha

A urna das relíquias da nossa santa irmã Carmelita peregrina uma vez mais pela Itália, sempre acompanhada de enormes multidões. Do 9 a 18 de Novembro permaneceu em Roma, visitando diversas Igrejas, conventos, aulas magnas universitárias, centros pastorais, etc.

Como programa de veneração organizaram-se vigílias, momentos de oração, celebrações eucarísticas, conferências, reflexões, ... Na manhã de 14 de Novembro, a nossa doutora da Igreja chegou nas suas relíquias ao Vaticano. Primeiro o Papa concedeu a sua audiência semanal aos 20.000 peregrinos reunidos na praça de S. Pedro. No fim do encontro com a multidão Benedito XVI comunicou aos presentes: Terei a alegria de venerar e



de orar diante das relíquias de Santa Teresinha, como o farão tantos fiéis no decurso desta semana em várias igrejas de Roma...” Recordou que celebramos o 120 aniversários do encontro de Teresa Martin com Leão XIII (20/11/1887), o 80 aniversário da proclamação da Padroeira universal das Missões por Pio XI (14/12/1927) e o décimo aniversário da Doutora da Igreja por João Paulo II (19/10/1997). Em sintonia com o discurso central da

audiência sobre S. Jerónimo, o Papa recordou também que Santa Teresinha houvera querido aprender as línguas bíblicas para compreender melhor as Escrituras.

No fim da audiência pública as relíquias subiram do pátio de São Dâmaso para o apartamento do Papa aos ombros do serviço do Vaticano. O Papa venerou-as na sua capela privada, permanecendo bastante tempo recolhido em oração de joelhos. Assistiram com ele Mons. Augusto Picam, bispo de Bayeux-Lisieux, Mons. Bernardo Lagoutte, reitor da Basílica de Lisieux, e o P. António Sangali, Carmerlita Descalço, encarregado do recorrido das relíquias em Itália.

Com esta ocasião recordamos que a 12 de Setembro Bento XVI escreveu uma carta ao Cardeal Ivan Dias, prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos. Nela unia-se aos serviços de cooperação missionária da Conferência Episcopal Francesa que quiseram declarar 2007 ano missionário em Lisieux, como recordação do padroado missional de Santa Teresinha.

É constante a vinculação de Santa Teresinha com os Papas. Leão XIII recebeu-a em audiência. Pio X assinou o decreto da introdução da Causa de beatificação (10/06/1914) e declarou “oportuníssima” a sua doutrina sobre a Eucaristia. Bento XV aprovou as suas virtudes heróicas (14/08/1921) e engrandeceu o caminho da infância espiritual. Pio XI procedeu à sua beatificação (29/4/1923) e considerou-a “a estrela do seu pontificado”. Pio XI canonizou-a (17/5/1925) na basílica de S. Pedro de Roma perante sessenta mil pessoas. O mesmo Papa Pio XI proclamou-a Padroeira principal, em pé de igualdade com S. Francisco Xavier, de todos os missio-



nários, homens e mulheres, e das missões que existem em todo o mundo. Pio XII foi legado papal a Lisieux para a inauguração e bênção da basílica (11/07/1937) e mais tarde (1944) declarou-a Padroeira secundária de França, em igualdade com Joana d’ Arc e Padroeira da Missão de França. Paulo VI nasceu no dia da morte da Santa. João Paulo II peregrinou a Lisieux a 2 de Junho de 1980, recebeu as relíquias de Santa Teresinha a 19 de Outubro de 1997 na praça de São Pedro e declarou-a doutora da Igreja. Bento XVI recolheu-se em profunda oração diante da urna das relíquias no dia 14 de Novembro.

Nossa Senhora do Carmo na China

Devido à pressão internacional e à reacção dos católicos chineses perante o governo provincial e nacional a Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Tianjiajing (Henan), diocese de Anyang, ainda permanece de pé. As autoridades políticas tinham decidido dinamitá-la. Apesar da reacção as autoridades mantêm a proibição das peregrinações, que durante o ano juntam uns 40.000 fiéis. Os católicos locais ainda podem frequentar este santuário, contudo estão proibidas as celebrações litúrgicas.

Em defesa da preservação do santuário saiu também o estudioso Fan Xuede, famoso ex-membro do partido comunista desde a sua conversão no ano de 1990 e actualmente exilado nos Estados Unidos. Num artigo publicado no dia 21 de Junho tinha escrito: “Não chegareis a destruir completamente aquilo que nem os japoneses chegaram a pulverizar. Foram tantos os males realizados pela polícia! Não cometais os mesmos erros”.

Basilica teresiana em Alba de Tormes

A poucos metros do convento das Carmelitas Descalças de Alba de Tormes onde se conservam o corpo, o coração e um braço de Santa Teresa de Jesus, foi levantada uma basílica em 1898 em honra da santa por iniciativa do bispo de Salamanca e por subscrição popular mas encontra-se ainda a céu aberto. O arquitecto Repullés concebeu um grandioso projecto que ao pouco tempo de iniciado ficou paralisado. Em cada centenário teresiano tem-se tomado a decisão de continuar a obra.

Em 1982, com motivo do IV centenário da morte de Santa Teresa, redimensionou-se o projecto. De sumptuoso reduziu-se a mais prático e modesto. Transcorridas as celebrações teresianas, as obras paralisaram uma vez mais. No dia 8 de Novembro passado o bispo de Salamanca assinou um contrato com o arquitecto Ricardo Pérez e a empresa de Jesus Yánez. O templo vai ser coberto, começando os trabalhos onde finalizaram, faz agora 25 anos. As capelas estão concluídas, bem como as naves laterais; vai-se proceder agora à terminação da nave central e do cruzeiro.

A ideia de terminar a basílica teresiana parece oportuna uma vez que estão aí dois centenários de Santa Teresa: 2.014, 4º centenário da beatificação da Madre Teresa de Jesus e 2.015, 5º centenário do nascimento de Teresa de Cepeda y Ahumada. Oxalá que seja desta.

A Priora de Bangkok contra a violência feminina

A 25 de Novembro deste ano, teve lugar a jornada mundial para a eliminação da violência sobre a condição feminina. Foi uma resolução da ONU tomada a 17 de Dezembro de 1999. Com motivo da celebração da jornada deste ano tiveram grande ressonância internacional as declarações da Priora do Carmelo de Bangkok (Tailândia), M. Thanica Tiravanichpong

O Carmelo está situado precisamente na zona do turismo sexual. “Muitos dos seus frequentadores são cristãos... Tudo isto é contra Deus”, diz a Priora. E continua: “Tudo isto rebaixa o valor da humanidade, da pessoa, porque são mulheres reduzidas a mercadoria sem valor. Sobretudo os cristãos deveriam recordar que nunca se deve abusar de uma pessoa. Estes turistas utilizam o seu dinheiro para humilhar os pobres, compram barato o sexo dos pobres. Porquê não utilizam o dinheiro para aliviar as carências e necessidades dos pobres? Deveriam lembrar-se que se são cristãos, não podem dominar com dinheiro o sexo dos pobres”.

NA NOITE MANSA ...

Cumpria-se a profecia mais bela:
Aureolada de mistério e de luz
Beija a terra uma cintilante estrela
Cujo brilho incendeia e nos seduz!

Dos tempos vem a noite iluminar,
Com radioso e suave esplendor,
E uma alegria nova anunciar
Que inaugura o reinado do Amor!

No manto da pobreza que agasalha,
Só o Olhar casto e quente de carinho
Aconchega o tosco berço de palha,

Qual luar de prata na noite mansa
A embalar o Sol que, em seu ninho,
Dorme a sorrir na paz de uma criança!

Fátima Malça

***Flor do Carmelo
deseja a todas as nossas comunidades
um Santo e Feliz Natal
e um Novo Ano de 2008
cheio das maiores bênçãos e graças do Céu***



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: Delfim Machado * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria – 2495-441 Fátima Tel. 249 530 650 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt